

A QUEIXA ESCOLAR NAS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO BÁSICA: REFLEXÕES A PARTIR DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Isabela Maciel Gonçalves (PIBIC/CNPq/Uem), Nilza Sanches Tessaro
Leonardo (Orientadora), e-mail: nilza_sanches@yahoo.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e
Artes/Maringá, PR.

Ciências humanas/psicologia

Palavras-chave: Psicologia Histórico – Cultural, fracasso escolar,
aprendizagem infantil.

Resumo:

Esta pesquisa faz parte de um projeto de maior abrangência, intitulado: “Proposições de alternativas para o enfrentamento da queixa escolar na Educação Básica: Contribuições da Psicologia Histórico–Cultural”, desenvolvido pela professora Dra. Nilza Sanches Tessaro Leonardo. Contudo, a pesquisa aqui desenvolvida teve por objetivo geral investigar junto a professores de escola de Educação Básica, quais são as queixas escolares e como estas estão sendo enfrentadas no âmbito da escola que participou da pesquisa. Participaram do estudo oito professores que atuam em uma Escola Pública de Educação Básica em uma cidade no interior do Paraná. Os dados foram coletados por meio de entrevistas baseadas em um roteiro semiestruturado, analisados e discutidos a partir de autores que se vinculam à Psicologia Histórico-Cultural. Os resultados apontam que a maior parte dos profissionais entrevistados tende a culpabilizar o aluno ou a sua família pelos problemas no processo de escolarização, e propõem como enfrentamento das queixas escolares, a maior participação da família no processo de aprendizagem.

Introdução

De acordo com Pasqualini (2009), a psicologia Histórico-Cultural, que tem em Vygostky, Leontiev, Luria e Elkonin, alguns de seus principais representantes, desconsidera analisar o desenvolvimento psicológico infantil como um processo exclusivamente natural, com fases que se seguem de maneira fixa e geral. Visto que, conforme Vygostky (1995 apud PASQUALINI, 2009), não se pode desconsiderar as formas de pensamento e as concepções predominantes nos meios em que as crianças desenvolvem suas funções psíquicas (memória, atenção voluntária, abstração etc). Paralelamente, Leontiev (2001 apud PASQUALINI, 2009) afirma que o conteúdo do estágio seria determinado pelas condições históricas concretas, ou seja, não seria a idade da criança que determinaria

seu estágio de desenvolvimento, mas seus conteúdos de acordo com suas mudanças das condições histórico-sociais.

Assim como Leontiev, Vygostky (1995 apud PASQUALINI, 2009) também critica a visão do desenvolvimento infantil, como um processo estereotipado de crescimento e maturação de potências internas previamente estabelecidas. Para isso, ele afirma que a partir da cultura, formas diferentes de conduta se originam e com isso a atividade das funções psíquicas se modifica e se formam novos níveis de sistema do comportamento humano em construção. Dessa forma, o autor distingue as funções psicológicas elementares das funções psicológicas superiores. Sendo que a primeira é comum a homens e animais, como: atenção e memória involuntária. Já a segunda é exclusiva aos homens, como atenção voluntária, memória mediada e pensamento abstrato.

Paralelamente conforme Leontiev (1978 apud TOSTA, 2012), o desenvolvimento humano não é um processo natural, que independe das condições históricas, culturais, sociais e econômicas, mas sim que o homem não nasce homem, se torna homem por meio de um processo de apropriação cultural. Sendo assim, os processos de desenvolvimento das funções psíquicas superiores, não podem ser compreendidos isoladamente do contexto histórico no qual estão inseridos.

Considerando o homem em seu contexto histórico Pasqualini (2009) afirma que o professor como mediador precisa dirigir e controlar racionalmente o processo de desenvolvimento da criança. Leontiev (2001 apud PASQUALINI, 2009) acrescenta ainda que ele precisa conhecer profundamente o processo de desenvolvimento infantil e suas forças motrizes, para que assim consiga criar finalidades e objetivos pedagógicos adequados, organizando atividades que promovam o desenvolvimento infantil, acrescentando desafios que correspondam às potencialidades da criança, estimulando novas percepções da realidade.

No contexto escolar, é possível observar diversos fenômenos, entre eles o fracasso escolar. Patto (1990 apud BRAY, 2009) defende que ele não pode ser explicado individualmente, mas é necessário considerar as relações pedagógicas, institucionais, políticas-econômicas, etc. Bray (2009) ressalta ainda, que o sucesso ou fracasso não correspondem a fatores individuais, mas de vários aspectos do cotidiano escolar e social em que prevalecem o preconceito, os julgamentos e os modelos de ideais que fortalecem para o insucesso escolar.

Entretanto, assim como pontua Rossato (2010 apud BRAY, 2009), a culpabilização é um fenômeno muito frequente, e acontece principalmente em relação às características pessoais do indivíduo e de seus familiares. Desconsiderando as políticas, ideologias e os demais autores presentes na educação escolar, busca naturalizar o fracasso escolar e tornar um fator como determinante e responsável por todo o processo.

Boarini (1998 apud BRAY, 2009) afirma que ao culpabilizar um determinado sujeito torna-se explícito um jogo de culpas entre envolvidos do processo. Ademais, como pontua Angelucci et al. (2004 apud BRAY, 2009) muitos estudiosos apresentam o fracasso escolar como produto das

habilidades mentais do aluno, sem analisar criticamente as contribuições da escola como instituição inserida em uma sociedade de classe. O que se torna um erro por reducionismo.

Outro erro ocorre, quando de acordo com Bray (2009), psicólogos buscam enquadrar a criança em um determinado diagnóstico, para orientar os professores e outros profissionais, resultando na desconsideração do plano social e da multiplicidade de fatores culturais que cercam o indivíduo.

Materiais e métodos

A presente pesquisa possui caráter teórico-prático, sendo que a etapa inicial consistiu em uma pesquisa bibliográfica a partir de obras de autores pertencentes à Psicologia Histórico-Cultural, buscando, dessa forma, uma contextualização teórica a respeito do desenvolvimento infantil e o processo de aprendizagem. Para isso, foram realizados estudos teóricos principalmente dos autores: Vigotski, Lúria e Leontiev. Ademais, autores como Saviani e Tuleski também foram estudados, visto que possuem obras significativas no campo da educação. A segunda etapa consistiu na pesquisa de campo, em que foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado para a aplicação em oito professores de uma escola pública de Educação Básica localizada no interior do Paraná. Para isso foram selecionados professores de diferentes anos e períodos para que, dessa forma, a amostragem fosse maior e os resultados possibilitassem análises mais completas. O objetivo principal das entrevistas consistiu na identificação das queixas escolares e as formas como estão sendo enfrentadas. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas posteriormente, a partir do referencial teórico da Psicologia Histórico-Cultural.

Resultados e Discussão

A partir da análise dos dados obtidos por meio das entrevistas realizadas com os oito professores, respaldada pela teoria Histórico-Cultural, foi possível observar que infelizmente a culpabilização está muito presente no contexto escolar e nas falas dos entrevistados. Diferente do que os autores da teoria histórico-cultural defendem, poucos professores possuem a concepção do sujeito cultural e acabam por culpabilizar na maioria das vezes a família das crianças. Estes em sua maioria afirmam que o grande problema do fracasso escolar está na ausência da família e da falta de compreensão da importância da educação na vida do sujeito.

Outra queixa muito presente na fala dos professores, é em relação ao ensino municipal, que para eles é muito ineficiente e os alunos chegam na sexta série analfabetos, sendo atribuídos a eles a responsabilidade de alfabetizar. Foi possível observar também, a constante queixa sobre a infraestrutura escolar, e a sobrecarga do trabalho, que segundo eles, impedem com que busquem cursos ou estudos diferenciados para aplicar em sala de aula. Relatam a baixa autoestima dos alunos e o constante

discurso de “eu não consigo, eu sou burro” e a falta de interesse de modo geral no aprendizado.

Conclusões

Por meio dos resultados e discussões pautados na teoria Histórico-Escolar, pode-se observar que a grande culpa recai sobre a família dos alunos, gerando uma aceitação de que determinado aluno não aprende, pois seu contexto familiar é conturbado, e sua família não possui condições financeiras e afetivas de incentivar seu estudo. E atribuem a falta de interesse dos alunos ao fato das famílias não incentivarem e propiciarem a concepção da importância da educação. Além disso, é visível que embora apresentem um discurso profundo sobre o contexto escolar, a maioria dos professores se ausenta de responsabilidade no processo educativo, e afirmam fazer tudo que esta ao seu alcance.

Dessa forma, observamos que faltam meios de capacitação para esses professores, que acabam por culpabilizar as famílias, e não refletem profundamente sobre as reais causas das queixas escolares e do fracasso de seus alunos.

Agradecimentos

Agradeço a oportunidade dada pelo CNPq, e a professora Nilza Sanches Tessaro Leonardo pela dedicação em ensinar.

Referências

BRAY, C. T **Queixas escolares na perspectiva de educadores das redes pública e privada**: contribuição da Psicologia Histórico-Cultural. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

PASQUALINI, J, C. A perspectiva histórico-dialética da periodização do desenvolvimento infantil. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v.14, n.1, p. 31-40, 2009.

TOSTA, C.G. Vigotski e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. **Perspectivas em Psicologia**, v. 16, n.1 , p.57-67, 2012.